

Aqui não é a Suíça

MARCELLO AVERBUG

No Brasil, ao se atravessar uma rua de mão única é sempre bom, por preocupação, olhar antes para a contramão. O desrespeito às mais elementares regras de trânsito é apenas um dos aspectos de um fenômeno mais amplo: o desprezo generalizado por leis, regulamentos e códigos. Quem é disciplinado corre o risco de ser atropelado no trânsito, no trabalho, na política e até nas relações sociais.

Enquanto nos chamados países do Primeiro Mundo a afronta aos preceitos de integração harmônica à sociedade é privilégio das minorias delinquentes, no Brasil é encarada como normal, faz parte do cotidiano e é praticada por qualquer cidadão definido como honesto e pacífico, inclusive doces mães de família. Não estou me referindo, é claro, ao banditismo e à criminalidade.

Um fato aparentemente insignificante retrata com nitidez essa insubordinação endêmica: freqüentadores do calçadão de Copacabana, Ipanema e Leblon reclamavam, com razão, dos ciclistas que por lá circulavam atrapalhando a tranquilidade de suas caminhadas. Resolveu então a Prefeitura construir ciclovi-
as ao longo dessas praias; pois bem, agora são os pedestres que insistem em andar na pista destinada às bicicletas! E, evidentemente, inúmeros ciclistas continuam pedalando na calçada.

Além de anarquizar a convivência humana, sobretudo nas áreas urbanas, esse gênero de desobediência gera efeitos econômicos negativos:

1. certas medidas de política econômica não produzem os resultados esperados, pois são sabotadas;

2. parte da atividade produtiva do país não serve para aumentar a disponibilidade de bens, mas sim apenas para repor aqueles destruídos prematuramente como consequência de atos ilegais;

3. matéria-prima, mão-de-obra e capital são desperdiçados ao longo do processo produtivo devido ao pouco caso para com normas referentes ao seu uso, inclusive as de segurança;

4. em consequência do afincamento com que os brasileiros se dedicam a burlar o fisco, o montante arrecadado em impostos é inferior ao que deveria ser;

“O brasileiro se conforma com a idéia de que não nos incluímos entre os povos civilizados”

5. qualidade e quantidade dos serviços prestados pelos setores público e privado se encontram muito abaixo dos padrões corretos, pois há desleixo no desempenho de funções e os direitos do consumidor são ignorados;

6. para não me estender mais, concluo com o mais sinistro dos efeitos: o custo em vidas humanas.

Esse comportamento está de tal forma enraizado na mentalidade nacional, que o brasileiro se conforma com a idéia de que não nos incluímos entre os povos civilizados. Tenho um exemplo verídico que reflete bem esta

realidade. Um amigo meu vinha dirigindo calmamente, um dia desses, quando uma senhora, em outro carro, cometeu perigosa infração. Ao reclamar com a motorista infratora, esta vociferou a seguinte resposta: “Não amola, seu bolha, aqui não é a Suíça.” Essa frase singela constitui um símbolo fiel do que o brasileiro pensa de si próprio, e serve como motivo de reflexão para os que não se conformam com tal situação. Demonstra, também, o quanto será difícil alcançar mudanças.

Exatamente por serem difíceis e não sensibilizarem eleitores, metas neste sentido são ignoradas pelos candidatos a postos eletivos. Talvez até porque eles próprios encarem com naturalidade esse traço da personalidade nacional, não o considerando problema relevante. Na verdade, tentar tal reforma de mentalidade é mais complicado do que executar a reforma agrária.

É fácil avaliar o impacto sobre a Nação de algum progresso no grau de respeito às normas de convivência social. O gesto revolucionário de levar a sério o arcabouço legal teria repercussão positiva sobre a taxa de crescimento do PIB e qualidade de vida da população, transformando a fisionomia nacional. Mesmo sem criar nenhuma nova lei, bastaria cumprir as existentes e já estaríamos caminhando para o paraíso.

Se Fernando Henrique e Lula desejam realmente promover mudanças profundas no país, necessitam incluir em seus programas ações destinadas a conscientizar o brasileiro em relação a essa questão, deflagrando um processo que exigirá longo período para apresentar resultados. E assim, quem sabe, algum dia o Brasil será igual à Suíça.

Marcello Averbug é professor do Departamento de Economia da UFF.